



MÉTODOS DE RACIOCÍNIO LÓGICO

Apresentação

Desde pequenos, ouvimos que a principal característica que diferencia os seres humanos dos animais é o fato de aqueles serem capazes de **raciocinar**. Sem dúvida, mesmo quando ainda jovem e sem o conhecimento de mundo para pensar de forma mais sofisticada, uma pessoa ordena seus pensamentos de modo a permitir que se determinadas “decisões” sejam tomadas (um simples girar da maçaneta, por exemplo) – e, com isso, seus objetivos possam ser atingidos.

Contudo, essa ordenação do pensamento é feita de forma predominantemente intuitiva. É muito raro alguém parar para “pensar” no pensamento. Imagine, a partir do exemplo abaixo, como seriam nossas vidas se tivéssemos que analisar o pensamento efetuado em cada uma de nossas atitudes.

Exemplo:

Um aluno sente fome na hora do recreio. Dirige-se à cantina e pede um sanduíche. Mediante pagamento, o sanduíche é entregue em suas mãos. Ele ingere todo o alimento, matando sua fome. Perceba como os raciocínios são trabalhados de modo imperceptível, quase inconsciente: o aluno raciocinou: “pessoas que têm fome devem comer. Ora, tenho fome; então, devo comer”. E continuou: “sanduíches matam a fome; na cantina, há sanduíches; então, vou até lá pedir um sanduíche para matar minha fome.” Acabou? Ainda não! “Entretanto, sanduíches pedidos na cantina custam dinheiro. Ufa! Eu tenho dinheiro! Posso comprar um sanduíche.” Poderíamos continuar a seqüência de raciocínios indefinidamente. Porém, não cabe aqui descrever, por exemplo, o raciocínio que leva à ingestão do alimento. Resultaria, no mínimo, em uma grande indigestão...

A verdade é que, aos poucos, grandes estudiosos e pensadores passaram a formular métodos, técnicas e teorias para que fosse possível compreender melhor o raciocínio humano. É nesse contexto que surgem os chamados **Métodos de Raciocínio Lógico**. Eles serão estudados em três níveis ou grupos: os métodos dedutivo e indutivo – na aula de hoje – e o método dialético – que será estudado na próxima aula.

Antes de começarmos os trabalhos, cabe fazer aqui uma ressalva: esse estudo será voltado para a aplicação e o reconhecimento de tais metodologias em textos argumentativos e jornalísticos, sem preocupação com os aspectos teóricos – e filosóficos – implicados em cada caso. Nossa preocupação é permitir aos alunos que potencializem seu poder argumentativo e que resolvam de forma segura a prova da UERJ, já que a alusão aos métodos está no edital da Universidade.

1. As Estruturas do Raciocínio

É preciso ressaltar, antes de tudo, que todo e qualquer raciocínio organizado é construído a partir da associação de um mínimo de três elementos ou afirmações. Primeiramente, deve-se partir de uma **afirmação** (ou **asserção**, mais tecnicamente considerando) **inicial**; depois, é (ou são) apresentada(s) a(s) **afirmação(ões) intermediária(s)**. Derivada lógica e necessariamente dessa apresentação, surge uma terceira afirmação, denominada **conclusão**. Em cada um dos métodos clássicos de raciocínio, esse três elementos receberão nomenclaturas específicas, como veremos adiante.

Um exemplo clássico de estruturação do raciocínio está no silogismo dedutivo – a ser estudado no próximo tópico – proposto um dia por Aristóteles. Afirmou o grande filósofo:

Todos os homens são mortais.

Ora, Sócrates é homem.

Logo, Sócrates é mortal.

Observadas as estruturas componentes do silogismo, torna-se fácil compreender o que é um raciocínio organizado de modo lógico. Em “Todos os homens são mortais”, vemos a asserção inicial. “Ora, Sócrates é homem” constitui a asserção intermediária. Evidentemente, inclusive pela natureza do conectivo utilizado, a última afirmação é a conclusão.

3. Os Métodos de Raciocínio

3.1. Método Dedutivo

Atentando apenas para o entendimento amplo do método, podemos dizer que a dedução é aquela que se organiza do **geral para o particular**. Dito de outro modo, deve-se apresentar como asserção inicial uma idéia de caráter genérico, tida como uma verdade universal – inquestionável ou amplamente aceitável. Essa idéia de caráter universal ou geral recebe o nome de **premissa inicial**. Após isso, com uma ou mais **premissas intermediárias**, que podem estar explícitas ou implícitas, pode-se chegar a uma **conclusão** – de caráter **particularizado**.

Observe o exemplo abaixo:

PI - A prática de esportes faz bem à saúde.

Pi – Ora, a natação é um esporte.

C - Logo, a prática da natação faz bem à saúde.

No caso em tela, estamos diante de um raciocínio essencialmente dedutivo, uma vez que a primeira afirmação (premissa inicial) fala da prática de **todos** os esportes – uma verdade geral, amplamente aceitável. Depois, se apresenta uma segunda premissa (intermediária), que permite atingir a conclusão – particularizada, como se pôde perceber.

Observação: no caso que você acabou de estudar, foi configurado o chamado **silogismo**, que é a forma típica de raciocínio dedutivo. Ele é sempre formado por duas – e apenas duas – premissas, que justamente por suas caracterizações recebem os nomes de **Premissa Maior** e **Premissa Menor**. A conclusão, como já vimos, mantém seu caráter particular. Essa terminologia também vale para o raciocínio clássico formulado por Aristóteles (item 2 desta aula). Além disso, os silogismos podem ser construídos sob duas perspectivas distintas: **categórica e hipotética**. O silogismo categórico é aquele composto por proposições categóricas, ou seja, que apenas afirmam ou negam. Por sua vez, o silogismo hipotético apresenta uma hipótese como premissa maior. A premissa menor é sempre categórica, bem como a conclusão. Veja os exemplos:

Silogismo categórico:

Crimes hediondos são punidos de forma exemplar.

O seqüestro é um crime hediondo.

Logo, o seqüestro é punido de forma exemplar.

Silogismo hipotético:

Se o tráfico é considerado um crime hediondo, deve ser punido de forma exemplar.

Ora, o tráfico é um crime hediondo.

Logo, o tráfico deve ser punido de forma exemplar.

Agora, atente para o uso e aplicabilidade dos raciocínios dedutivos em textos dissertativo-argumentativos. Todos os exemplos foram retirados de desenvolvimentos de redações feitas por nossos alunos.

Exemplo 1 – Tema: Por que o desejo de fama é tão presente no mundo atual?

É válido destacar, antes de tudo, que o grande objetivo do ser humano em vida é a felicidade. Ser feliz, no mundo capitalista em que vivemos, parece estar baseado em desejos essencialmente materiais – tais como dinheiro e status social. Nessa perspectiva, se considerarmos que a fama é um meio de se atingir de forma rápida tais ideais, não é de se estranhar que seja tão desejada na atualidade.

Premissa inicial: todo ser humano busca a felicidade em vida.

Premissa intermediária: a felicidade está baseada em desejos materiais – dinheiro e status.

Premissa intermediária: os desejos materiais podem ser obtidos mais rapidamente se o indivíduo tornar-se famoso.

Conclusão: a felicidade buscada pelo ser humano pode ser atingida com a fama.

Exemplo 2 – Tema: Democracia: uma opção adequada?

Filosoficamente, o regime de governo considerado ideal é aquele que melhor atende aos anseios do povo. Nesse sentido, a liberdade de expressão está, sem dúvida, entre os principais desejos de qualquer sociedade. Como a democracia é, historicamente considerando, o único sistema capaz de garantir de forma plena a expressão da liberdade individual, é lícito afirmar que se trata de um regime sobremaneira eficaz.

Premissa inicial: O regime de governo mais eficaz é aquele que melhor atende os anseios do povo.

Premissa intermediária: a liberdade de expressão é um dos maiores anseios do povo.

Premissa intermediária: a democracia é o único regime que garante de forma plena a liberdade de expressão.

Conclusão: a democracia é o regime mais eficaz.

Por fim, deve-se afirmar aqui que o raciocínio essencialmente dedutivo possui vantagens e desvantagens no que diz respeito a sua utilização. Como principal vantagem, está o fato de, se escolhidas boas premissas, a conclusão atingida ser indubitável, inquestionável. Por outro lado, a desvantagem reside – principalmente em textos dissertativos – em certa carga de previsibilidade inerente à construção do raciocínio. Conseguir um meio-termo, extraíndo o que há de melhor e “enxugando” o que há de pior – eis o grande desafio.

3.2. Método Indutivo

Grosso modo, podemos definir o método indutivo como uma oposição à dedução. Em outras palavras, a indução é o raciocínio que parte do **particular para o geral**. Assim, a partir de constatações específicas, é possível observar uma espécie de interseção entre elas, que vai ser enunciada como uma verdade ampla, universal. Para melhor “visualização” desse raciocínio, observe o exemplo abaixo:

Praticar natação faz bem à saúde. Praticar futebol, vôlei, basquete, atletismo, entre outros, também faz bem.

Ora, natação, futebol, vôlei, basquete e atletismo são esportes.

Logo, a prática de esportes faz bem à saúde.

A primeira das afirmações constitui a chamada evidência inicial. Todas as outras são as evidências intermediárias, que levam à conclusão – geral, como visto.

Assim como na dedução, a indução também apresenta vantagens e desvantagens. O principal benefício desse tipo de raciocínio é o fato de ele permitir que se atinjam planos mais elevados de informação, novas descobertas. As grandes “invenções” da humanidade surgiram a partir de raciocínios essencialmente indutivos.

Ao mesmo tempo, a maior desvantagem que podemos apontar está na inconstância da indução. Dito de outro modo, o método indutivo atua no campo das probabilidades; caso, uma das evidências não seja condizente com a verdade universal anunciada, todo o raciocínio deve ser revisto.

Observe, agora, a aplicabilidade da indução no desenvolvimento de textos dissertativos:

Exemplo 1 – Tema: A pena de morte deveria ser aplicada em um país como o Brasil?

Pesquisas revelam que, nos Estados Unidos, país cujo ordenamento jurídico prevê a aplicação da pena de morte, a instituição desse tipo de punição não diminuiu a criminalidade. O mesmo parece ter acontecido na China, no Irã e na Arábia Saudita, países que conseguiram notoriedade devido ao rigor das punições. Desse modo, pode-se afirmar que a instituição da pena de morte acaba por se tornar apenas um instrumento de “vingança” do Estado contra o agente agressor – e não uma solução viável contra o crime.

Evidência Inicial: A instituição da pena de morte não diminuiu a criminalidade nos Estados Unidos.

Evidências intermediárias: o mesmo ocorreu na China, no Irã e na Arábia Saudita

Conclusão: a pena de morte não é uma boa solução para a criminalidade, qualquer que seja o país.

Exemplo 2 – Tema: O aumento da consciência ecológica no mundo contemporâneo.

Estudiosos das Nações Unidas fizeram um levantamento cruzando os dados que mostravam os investimentos feitos em campanhas publicitárias na mídia e os índices de responsabilidade com o meio-ambiente demonstrado por cidadãos de trinta países - distribuídos em quatro continentes. A conclusão do estudo foi bastante esclarecedora: quanto maiores e mais bem estruturadas eram as campanhas, maior o grau de consciência demonstrado pela população. Assim, torna-se claro que educar o povo - usando a mídia como instrumento - é um excelente meio de “cuidar” de nosso planeta.

Evidência(s): a consciência ecológica da população é maior em países que promovem campanhas eficazes a favor do meio-ambiente.

Conclusão: a educação e a conscientização do povo são essenciais para a manutenção de nosso planeta.